

O Boi Pintadinho: possibilidades para educação musical escolar no Norte Fluminense

Hélio da Silva Júnior

Mestre em Ensino de Práticas Musicais e docente de Música do IFFluminense - Macaé

Wilson dos Santos Souza



É consenso entre os educadores que a aprendizagem se dá a partir do diálogo entre o saber do aluno e a proposição de expansão e troca deste saber por parte do professor. De igual forma, grande parte dos escritores contemporâneos da educação musical afirmam que o processo deve permear a valorização da vivência musical do aluno, sua história e

paisagem sonora comunitária. Há ainda um grupo de educadores musicais que sustentam a linha de valorização das canções de tradição oral para o ensino de música escolar.

Diante deste contexto, buscamos o estabelecimento de um currículo, para o ensino de música escolar, a ser aplicado no município de Macaé e outros municípios adjacentes do Norte Fluminense, que se apresentasse como elo, uma ponte entre a vivência dos alunos e a experiência prática em sala de aula, sem perder sua dimensão folclórica. Após alguns anos de vivência junto as comunidades foi possível observar uma oportunidade de desenvolvimento na presença maciça da expressão folclórica do “Boi Pintadinho” na cidade.

É consonante entre os proponentes de métodos ativos para o ensino de música que o ponto de partida é a vivência musical do aluno. Jusamara Souza (2009) acrescenta que a vivência musical do aluno, sendo esta, parte das relações do cotidiano com o ensino da música para além de ser orientadora é uma possibilidade de compressão do próprio aluno.

Murray Schafer (1991), em seu registro de atividades docentes afirma iniciar seu processo de ensino através da pesquisa do interesse musical de seus alunos. Swanwick (2003) reforça ao dizer que cada aluno traz consigo sua própria vivência musical quando

chega a escola e que a mesma não os introduz a música já que são bem familiarizados com ela.

O ensino de música na escola partindo da vivência do aluno contribui para a ampliação de sua experiência cultural e sua música, qualquer que seja ela, pode e deve ser trazida para sala de aula. Para que o ensino de arte possa de fato contribuir para essa ampliação da experiência cultural, deve partir da vivência do aluno e promover o diálogo com as múltiplas formas de manifestação artística. (PENNA, 2008)

A história oral localiza o início dos folguedos de boi com os africanos e caboclos, entretanto a história dessa cultura no Brasil leva a crer que, como em outras regiões, esta festividade esteja ligada ao cultivo da cana de açúcar. Segundo Gilberto Freyre o escravo cultivava uma relação íntima junto ao Boi Pintadinho, seu companheiro de trabalho, que posteriormente tornou-se também um elemento presente nas celebrações. O autor chega a referir-se ao boi como um familiar do escravo.

“O escravo vindo da África não encontrou aqui melhor companheiro do que o boi para seus dias mais tristes. Para os seus trabalhos mais penosos. Quando depois o boi associou-se também aos dias alegres do negro de engenho os de dança, de cachaça, de festa, na figura do bumba meu boi é natural que o negro tenha feito desse drama popular um meio de expressão de muita mágoa recalcada: a glorificação do boi, seu companheiro de trabalho, quase seu irmão”. (Apud BRUSANTIN, 2007, p. 8).

Existem variantes, ressignificações e, em alguns lugares, a própria inexistência de auto. O mais comum, é aquele que narra a história da morte e ressurreição do boi (norte/nordeste). O núcleo de suas tramas é a morte de um boi precioso pertencente a um rico fazendeiro por um vaqueiro (Pai Francisco, ou nego Chico) premido pelo desejo de sua mulher grávida de comer a língua do dito boi. Essa "traição" ao amo, que é ao mesmo tempo "lealdade" à esposa, provoca um terrível impasse quando descoberta. Um médico e um padre tentam a ressurreição do bicho, finalmente obtida por um pajé. Aí então, nos dizem essas narrativas, "o grupo todo celebra em festa". (SILVA, 2010, p.63)

Situamos a “brincadeira” entre as multiformes apresentações existentes nas mais diversas regiões do Brasil: “Boi-Bumbá” no Norte, “Bumba-Meu-Boi” no Nordeste, Reis de Boi, Boi Pintadinho, Boi Malhadinho e Boi de Reis no Sudeste, Boi de Mamão no Sul, Santa Catarina. Mário de Andrade (2002) considerava o “boi” uma dança dramática e dizia ser ela a mais original, complexa e exemplar de todas. Nesse sentido, destaquem-se o Boi-Bumbá e Parintins e o Bumba-Meu-Boi do Maranhão, pela projeção nacional que tem hoje, conjugando, a um só tempo, tradição e evolução.

Em Macaé, o boi pintadinho ocorre no ciclo carnavalesco, e segundo site da prefeitura (Macaé, 2010), possui cento e sete anos de existência. De acordo com o *blog* Bois pintadinhos de Macaé, há em torno de noventa bois catalogados pela LIECAM (Liga Independente das Entidades Carnavalescas de Macaé), que coordena os desfiles de carnaval, sendo o município recordista em número de bois em todo Brasil.

O “boi” é uma tradição típica dos bairros de periferia e envolvem as comunidades. Bois grandes confeccionados pelos artesãos mais experientes, ou bois menores feitos por crianças e adolescentes, que pedem dinheiro nas esquinas para financiar a construção do “boi” da própria rua. Situamos o boi pintadinho em relação ao de Campos, que tem o mesmo nome, e ao Boi Malhadinho de Quissamã.

Como manifestação cultural das periferias (no dizer de RIBEIRO, 2013, “petroperiferias”, designando a periferia da Capital Nacional do Petróleo, cujo poder público

não é capaz de traduzir em políticas sociais a riqueza gerada pela exploração do “ouro negro”), o Boi Pintadinho é uma resposta, em nível simbólico, que as comunidades dão à sua invisibilidade social, constitui elemento de representação cultural (HALL, 2016) e ao mesmo tempo de resistência (o “Boi Pintadinho” resiste às transformações urbano/culturais geradas pela vinda da Petrobras para o município desde 1977).

No mês que antecede ao carnaval, segundo relato de moradores do bairro da Aroeira em Macaé, todos os dias ao cair da tarde seguem os foliões pelas ruas do bairro, guiados por seus “bois pintadinhos”, cantando, dançando e batucando seus tambores. Crianças seguem os adultos com suas latas nas mãos e pequenos bois, feitos de caixas de materiais recicláveis como caixas de papelão. Observando a manifestação folclórica do “boi pintadinho” é possível identificar algumas conexões com a abordagem para o ensino de música de Carl Orff.

No início do séc. XX o compositor Carl Orff desenvolveu uma abordagem para o ensino de música baseada na integração das linguagens artísticas e no ensino baseado no ritmo, no movimento e na improvisação. Além disso, Orff construiu uma série de instrumentos de percussão, hoje conhecidos como instrumentos Orff. Os toques em eco, as perguntas e respostas, improvisações que acontecem como uma grande “brincadeira” embalada pelo canto e pela dança em torno do folgado, assemelham-se, a metodologia de ensino da música proposta por Carl Orff. (Fonterrada, 2005, p.159,161).

É notória em Macaé a presença do “boi pintadinho” na cultura e na história da cidade. Os batuques e cantorias de quem participa desta tradição fazem parte do imaginário coletivo do povo macaense e, certamente, ocupam lugar de destaque em sua vivência musical. Mais de noventa bois divididos em doze bairros, reafirmam a tradição centenária do “boi pintadinho” macaense, que é percebida pelas ruas e renovada a cada ano.

Ratificando o que foi citado anteriormente, a manifestação folclórica do “boi pintadinho” revela diversas possibilidades de aplicação da abordagem sugerida por Orff para o ensino da música e, para além de uma perspectiva meramente folclorista, faz parte ativamente da vivência musical dos alunos. Portanto a construção de um currículo baseado nas relações entre esta vivência e a abordagem de Orff, é o que Paulo Freire refere-se como sendo algo não imposto, doado ou depositado nos educandos. E sim uma devolução sistematizada, organizada e acrescentada ao povo dos mesmos elementos que este entregou de forma desestruturada. É dialogicidade entre a vivência dos alunos e a abordagem pedagógica. (1978, p.98)

Portanto é considerável a proposta de elaboração de uma abordagem pedagógica e curricular para educação musical, de acordo com os elementos políticos, sociais e econômicos circundantes ao fazer pedagógico e que considere o folclore do “boi pintadinho” como uma das vivências musicais dos alunos da cidade de Macaé, estabelecendo relações com a abordagem de Orff para o ensino de música.

Referência bibliográfica

ANDRADE, Mário de. Danças Dramáticas do Brasil. Editora Itatiaia. 2002

CASCUDO, Luis da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. Editora da Universidade de São Paulo. 1988

CAVALCANTI, M. L. V.de C. O Boi-Bumbá de Parintins, Amazonas: breve história e etnografia da festa. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Vol. VI (suplemento), 10191046, setembro 2000.

_____. Tema e variantes do mito: sobre a morte e ressurreição do boi. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010493132006000100003 Acesso em 26/06/2017 Disponível em: <http://www.cmfolclore.ufma.br/site/index.php/olhar-memoria-e-reflexoessobre-a-gente-do-maranhao/> Acesso em 25/06/2017

HALL, Stuart. Cultura e representação. Editora Apicuri e Editora PUC. 2016.

RIBEIRO, Douglas Rodrigues. A educação popular e o popular na educação: um mergulho nos sentidos do cotidiano de uma escola pública em uma petroperiferia urbana. Dissertação de Mestrado. UERJ São Gonçalo. 2013.

ROCHA, Gisele Lourençato Faleiros da Rocha. O artista popular: reinvenções e as novas apropriações dos reis de boi. IX EHA – Encontro de História da arte. Unicamp. 2013. Disponível em <http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2013/Gisele%20Lourencato%20Faleiros%20da%20Rocha.pdf> Acesso em 01/07/2017

SILVA, Elaine de Oliveira. Tem Boi na Foto: representação estética e cultural nas Festividades de Boi em Campos do Goytacazes. XIII Encontro de história AnpuhRio.2008. Disponível em http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1215277743_ARQUIVO_ANPUH.pdf Acesso em 30/06/2017

SOUZA, Marina de Mello e. O Boi malhadinho. Tradição e Criatividade. In MARCHIORI, Maria Emília Prado et al. Quissamã. MinC/ pró-Memória/ SPHAN 6ª Diretoria Regional. Rio de Janeiro – 1987

* * *

Blog acessado: <http://boispintadinhosdemacae.blogspot.com.br>

BRASIL. Lei No 11.769, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei N 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Brasília, DF, 2008a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-

2010/2008/lei/L11769.htm>. Acesso em: 5 janeiro de 2014

BRUSANTIN, Beatriz . Viva o Boi: análise comparada das manifestações culturais dos trabalhadores catarinenses e pernambucanos no século XIX e início dos XX. *In: ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL*, 3., 2007.

ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL 17, 2007, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: ABEM, 2007, p. 77-84.

FONTEERRADA, M. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. São Paulo: Editora da Unesp, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

OLIVEIRA, Fernanda de Assis. *Materiais didáticos nas aulas de música: um survey com professores da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre – RS*. In: 2010

OLIVEIRA, Maria Marily de. *Como fazer pesquisa qualitativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010

PENNA, M. *Música(s) e seu ensino*. 2. ed. rev. ampl. Porto Alegre: Sulina, 2010.

SCHAFER, Murray. *O ouvido pensante*. São Paulo: Unesp, 1991.

SILVA, Elaine de Oliveira. *Tem boi na foto: investigação sociológica sobre a identidade das festividades do boi em Campos dos Goytacazes*. *VÉRTICES, Campos dos Goytacazes/RJ*, v. 12, n. 1, p. 63-86, jan./abr. 2010.

SOUZA, Jusamara (org.). *Aprender e Ensinar Música no Cotidiano*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SWANWICK, Keith. *Ensinando música musicalmente*. São Paulo: Moerna, 2003.